

CAPÍTULOS do ABATE GERAL OCist ao CFM 2024

ESPERAR em CRISTO

1. Sobrevivência ou vida eterna?

Este ano, gostaria de aprofundar com vocês o tema da **esperança cristã**, um tema que nos interpela muito na situação atual do mundo, da Igreja, de nossas Ordens e de nossas comunidades.

Por que sentimos a necessidade de reencontrar a esperança?

Na Bula de proclamação do Jubileu *Spes non confundit*, o Papa Francisco recorda que “todos, na realidade, sentem a necessidade de recuperar a alegria de viver, porque o ser humano, criado à imagem e semelhança de Deus (cf. *Gn 1, 26*), não pode contentar-se com sobreviver ou ir vivendo nem conformar-se com o tempo presente, satisfazendo-se com realidades apenas materiais. Isto fecha-nos no individualismo e corrói a esperança, gerando uma tristeza que se aninha no coração, tornando-nos amargos e impacientes” (§ 9).

Impressiona-me a observação de que o ser humano “não pode contentar-se com sobreviver ou ir vivendo”, deixando-se satisfazer apenas pelas realidades materiais. É um julgamento que descreve toda a tristeza que se respira em nossas sociedades, que também respiramos em nós mesmos e em nossas comunidades. É uma tristeza mascarada de falsa alegria, aquela que nos é constantemente anunciada, prometida e assegurada pela mídia, pela publicidade, pela propaganda dos políticos, por tantos falsos profetas do bem-estar. Contentar-se com o bem-estar nos impede de nos abirmos para um bem muito maior, muito mais verdadeiro, muito mais eterno: aquele que Jesus e os apóstolos chamam de “a salvação da alma, a salvação da vida”; um bem pelo qual Jesus nos convida a não temer perder a vida, os bens materiais, as falsas seguranças que frequentemente desmoronam em um instante.

Recentemente, eu me encontrava de manhã cedo na estação Termini. Eu estava adiantado para evitar o trânsito da cidade, por isso tinha tempo e, depois de ter rezado Matinas e Laudes, ali de pé ao lado de minha mala, comecei a olhar a multidão. Quando se olha de verdade para as pessoas, quando se observa seus rostos, emerge em todos como que uma súplica por compaixão, uma pobreza mascarada de mil maneiras, mas ultimamente inconfundível. É como o surgimento inevitável, a partir do olhar, de uma ferida universal do coração humano.

O santo monge ortodoxo Silvano do Monte Atos meditou profundamente sobre o lamento de Adão que cada um de nós carrega dentro de si. Ele escrevia: “Adão gemia, pois por causa de seu pecado todos haviam perdido a paz e o amor. Grande foi a dor de Adão quando foi expulso do paraíso, mas quando viu seu filho Abel ser morto por seu irmão Caim, seu sofrimento aumentou ainda mais; sua alma se atormentava, soluçava e pensava: ‘De mim sairão povos que se multiplicarão; todos sofrerão, viverão em inimizade e se matarão uns aos outros’. Sua dor era tão grande quanto o mar, e só pode compreender isso a alma de quem conheceu o Senhor e sabe o quanto ele nos ama”.

E então me perguntei: o que eu desejo para todas essas pessoas, para todos esses rostos que, por alguns instantes, passam por mim, como se não tivessem origem nem

destino? Que realidade abrangente gostaria de pedir a Deus por todas elas? O que poderia dar realização a cada vida, seja ela qual for e em que estado estiver?

Uma realidade se impôs em minha mente e em minha oração: *a vida eterna*. A vida eterna é aquilo a que todos anseiam e aquilo que sei que posso desejar e pedir para mim e para todos sem me enganar, sem pedir algo que não corresponda à sua necessidade e, acima de tudo, ao desígnio de Deus para cada um e para todos. Não tanto e não apenas a vida eterna como um estado sublime que podemos alcançar após a morte, mas a vida eterna possível aqui e agora, a vida eterna como Jesus a define: “Ora, a vida eterna consiste em que conheçam a ti, um só Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo que enviaste” (Jo 17, 3), ou seja, uma vida definida, iluminada pela comunhão com Cristo e, por meio dele, com o Pai.

Somente isso permite ao homem viver realmente e não apenas “sobreviver ou ir vivendo”. Devemos admitir, todos nós, que muitas vezes nos encontramos num “vou vivendo”, contentando-nos em sobreviver. O que quer dizer “ir vivendo” (“*vivacchiare*”, em italiano)? Entendemos isso se pensamos em verbos construídos com a mesma forma, como “*canticchiare*” (cantarolar) ou “*mangiucchiare*” (mordiscar, “beliscar” a comida). Eles querem exprimir que, em vez de cantar ou comer como se deve, como somos capazes de fazer, só o fazemos, por assim dizer, pela metade, superficialmente, não até o fim. Em vez de cantar uma canção em alto e bom som, saboreando sua beleza, exprimindo bem as palavras e a música desejadas pelo compositor, nós o fazemos com palavras pronunciadas pela metade, com a melodia apenas subentendida, como que instintivamente, quase como se não fôssemos realmente conscientes de que estamos cantando.

Mesmo com a vida fazemos muitas vezes assim. Deus, o compositor de nossa vida, a idealizou e a criou para ser vivida em plenitude, para ser, como se diz, “cantada a plenos pulmões”. Em vez disso, desde o pecado original em diante o homem tem a tendência a ir vivendo mais do que a viver, ou seja, a viver pela metade, superficialmente, sem pensar na beleza e na intensidade que o Criador quis exprimir com essa sua criatura única e absolutamente original. Nenhuma criatura humana é um “copiar-colar” de uma outra. Cada vida é absolutamente feita para ser única, original, especial. Entretanto, nós nos acomodamos a viver como se fôssemos produzidos em série, todos iguais e uniformes. Basta olhar como todos imitam as modas e as atitudes dos falsos modelos de vida realizada propostos pela mídia.

Há em nós como que uma preguiça de viver plenamente. Nós nos acomodamos a ir vivendo porque tememos que viver de verdade seja demasiado cansativo. O problema, porém, como escreve o Papa, é que viver por viver “fecha-nos no individualismo e corrói a esperança, gerando uma tristeza que se aninha no coração, tornando-nos amargos e impacientes”.

Viver por viver é temer a morte sem amar a vida; temer perder a vida que pensamos possuir sem amar a vida que nos é dada por Deus, ou como nos é dada por Deus.

Mas, de fato, a vida eterna, ou seja, a plenitude de vida que nos torna verdadeiramente felizes, é uma realidade que não possuímos, que não conseguimos dar a nós mesmos, uma realidade que devemos receber do Senhor, uma realidade que devemos esperar de Deus.